



## O Partido Comunista Brasileiro de 1922: seus antecedentes e sua formação.

Cristina Gabriela Feiber\*

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo fazer um estudo sobre a formação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) de 1922, levantando algumas questões. Para tanto se torna necessário uma breve retomada histórica do movimento operário brasileiro do final do século XIX início do XX analisando os fatos importantes, como as primeiras greves e primeiros congressos. Será feito uma análise um pouco mais detalhada sobre a greve de 1917, os fatos que a impulsionaram e suas influências na formação do partido, como também a insurreição de 1918 e as greves de 1919. Sendo importante ainda se refletir sobre o PCB de 1919, observando as tendências ideológicas que o compuseram e suas divergências. Desta forma se pretende entender o contexto e o que motivou a formação do PCB de 1922.

**Palavras-chaves:** Partido Comunista Brasileiro. Movimento Operário. Tendências ideológicas.

**Abstract:** The aim of the present work is a make study about the formation of the Brazilian Communist Partidof 1922, arising some questions about. For this we need brief historical reconstruction of the Brazilian operary movement from the end of XIX century to the begin of XX, analysing the main facts, such as the firsts strikers and congresses. We'll do a detailed analysis about the strike of 1917, the facts of motivation and the influences in the gestation of the partid, as the insurrection of 1918 and the strikes of 1919. Yet is important reflect about Brazilian Communist Partid of 1919, observing the ideological tendancis that the make him and their divergences. This way intent understand the context and motivations of the formation of *PCB* from 1922.

**Keywords:** Brazilian Communist Party. Working-Class Movement. Ideological Trends.

### Introdução

A partir da segunda metade do século XIX aparecem as primeiras organizações de trabalhadores no Brasil, já em 1858 temos a primeira greve, a dos tipógrafos, em 1863 dos

---

\* Curso de História da UFSM.



trabalhadores da Estrada de Ferro Pedro II e em 1866 a dos Caixeiros, as três aconteceram no Rio de Janeiro.

Marx coloca que a classe só é classe para si quando organizada em partido, do final do século XIX em diante surgem várias tentativas de organização de partidos políticos. Em 1890 temos a fundação do Partido Operário do Rio Grande do Sul, conforme Carrion<sup>1</sup> o programadeste defende o Socialismo e a República: o sufrágio universal e as mais amplas liberdades democráticas; o ensino integral, secular e profissional; o fim do direito a herança; a emancipação da mulher; etc. Acontece a proliferação de partidos similares e todo o país, seus dirigentes, com exceção, não são de origem proletária, mas pequeno-burguesa e a maior parte é brasileira, ao contrário das lideranças sindicais a soma de Partidos é espantosa para a época.

Em 1892 acontece o I Congresso Socialista Brasileiro que tem por objetivo fundar Partido Socialista brasileiro, mas não foi atingido. Em 1898 é realizado o I Congresso Sul rio-grandense que aprova a defesa do socialismo. Até a primeira década do século XX a vertente do movimento dos trabalhadores era social democrata, mas já se manifesta uma participação anarquista. Em 1902 temos o II Congresso socialista brasileiro, com influências de Marx e Engels. Em 1906 realizou-se o I Congresso Operário Brasileiro, onde foram lançadas as bases para se criar a COB (Confederação Operária Brasileira), nesse congresso haviam duas tendências, a anarco-sindicalista, que nega a importância da luta política, prima pela luta através da ação direta (dentro da fábrica), também não reconhece a necessidade da formação de um partido político. A outra é o socialismo que é reformista e defende a mudança gradativa da sociedade capitalista, mas acredita na necessidade da formação de um partido político que lute pelos interesses dos trabalhadores. Em 1913 acontece um segundo Congresso operário brasileiro, mas há uma certa pausa no movimento até 1916, sendo retomado com a greve de 1917.

## **A Greve de 1917**

No contexto da primeira guerra mundial o Brasil se torna grande exportador de gêneros alimentícios (multiplicando muitas vezes o que exportava antes). E isso acarreta um

---

<sup>1</sup> CARRION, Raul. *Dos primeiros partidos operários à formação do Partido Comunista do Brasil*. Historiador, mestre em ciência política pela Unicamp [http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id\\_coluna\\_texto=241&id\\_coluna=10](http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=241&id_coluna=10)



desabastecimento interno e uma grande elevação dos preços, os gêneros alimentícios no país estavam custando de 20 a 150 por cento mais caro do que no ano precedente. Esse aumento do custo de vida é o tema dos debates do 1º de maio de 1917, temos aí um certo nível de consciência entre os trabalhadores devido às influências anarco-sindicalistas e ainda começam a chegar as notícias da Revolução russa.

Em abril a Federação operária do Rio de Janeiro realizou uma grande assembleia, decidiram ali o envio ao Presidente da República de uma mensagem na qual protestam contra a crise em que o país se encontrava. Em 1º de maio um grande grupo de trabalhadores desfila em protesto pelas ruas da capital, no mesmo mês surgem várias greves pelo Rio de Janeiro. Em julho inicia em São Paulo (já considerado o maior centro industrial do país), a primeira greve geral do Brasil que logo chegaria nos estados do Rio grande do Sul e Rio de Janeiro.

Sobre os fatos iniciais da greve em São Paulo, Buonicore<sup>2</sup> coloca que um grupo de operários chegou à porta do cotonifício Crespi e conclamou os trabalhadores a aderirem ao movimento grevista, que havia se iniciado há dias. A polícia, decidida a não permitir piquetes, interveio violentamente. O saldo do conflito: um morto. A vítima chamava-se José Martinez, era sapateiro e tinha apenas 21 anos. Depois deste dia São Paulo não seria mais a mesma. A cidade parou em homenagem ao trabalhador assassinado, cerca de 10 mil pessoas caminhavam pelas principais avenidas, o proletariado de São Paulo estava nas ruas e era a primeira vez que se via isso. A multidão tentou se dirigir ao palácio do governo mas foi impedida pela polícia, começou então um protesto pela libertação de outro sapateiro que foi preso por denunciar a morte de Martinez. O delegado geral sem saída prometeu sua libertação pra depois do cortejo, os trabalhadores conseguiram uma primeira vitória, pararam para discursos na Praça da Sé e depois terminando tal cortejo foram para o cemitério do Araçá onde o companheiro seria enterrado. Diante do túmulo nos últimos discursos de despedidas os trabalhadores pediam a adesão dos soldados à sua causa.

Ainda no mês de julho o movimento grevista se espalha com força pelo Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, em Recife chega só em setembro. Em 23 de julho cerca de 50 mil operários estavam em greve no Rio, e no mesmo dia cerca de 20 mil metalúrgicos aderiram, tiveram vários enfrentamentos com a polícia, ainda nos últimos dias do mesmo mês se conseguiram vários acordos que, segundo Carrion, estabeleciam a semana máxima de 56 horas e um aumento de 10 por cento dos vencimentos. Os problemas referentes ao dia de oito

<sup>2</sup> BUONICORE, Augusto. Dissertação de mestrado UFRGS.  
Ver: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/10936/7492>



horas, trabalho de menores e responsabilidade dos patrões nos acidentes de trabalho seriam resolvidos por leis no Congresso Nacional. E nenhum operário seria dispensado por tomar parte na greve. No Rio Grande do Sul, a União Operária Internacional (que é anarquista) chama uma reunião na FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul). A reunião teve cerca de 500 pessoas, sem ser coordenada por lideranças da FORGS, talvez com o objetivo de eximir a entidade de responsabilidades, então a Liga de Defesa Popular (controlada por anarquistas e pedreiros sindicalistas), cria uma pauta de reivindicações e a envia aos governos municipal e estadual. Entre os dirigentes da Liga se encontra Abílio de Nequete. Em seguida a LDP lança um panfleto divulgando para o povo suas reivindicações, no dia 31 de julho envia um documento (contendo essas reivindicações) ao presidente do Estado. No dia seguinte realiza um comício com cerca de 5 mil pessoas, no qual é decretada a greve geral.

Entram em greve os calceteiros pedreiros, marceneiros, carpinteiros, tecelões, chapeleiros, metalúrgicos, estivadores, choferes, carroceiros, padeiros, tipógrafos, comerciários, motorneiros e cobradores. Os ferroviários reivindicavam jornada de oito horas diárias, semana inglesa e aumentos salariais de 10 a 30 por cento, como não foram atendidos iniciam a greve em Santa Maria e esta se estende para os outros municípios.

Fica clara a influência da Revolução Russa na greve quando em discurso na Praça da Alfandega o anarquista João Baptista Noll fala “Camaradas! Que o som produzido pelo choque do malho e da bigorna seja o eco da liberdade a ressoar pelo mundo. (...) O povo da Rússia, dos cossacos, de Tolstoi, Gorki e Kropotkine, depois de uma escravidão quase infinita, conseguiu por si um regime de liberdade”<sup>3</sup>. Assim inspirados a greve toma proporções cada vez maiores, fizeram parar a vida de algumas cidades, sem comida, sem automóveis, sem luz, etc.

Em 2 de agosto Borges de Medeiros recebe a LDP e promete atender algumas das reivindicações, como aumento de salários entre 5 e 25 por cento e redução da jornada de trabalho. Conseguem algumas vitórias, como o tabelamento do preço de alimentos, regulamentação da jornada de 8 horas, aumento salarial pra várias categorias, e a própria Liga aconselha a volta ao trabalho dia 5 de agosto. A greve termina de forma vitoriosa para o proletariado portalegrense.

Já em Santa Maria e Passo Fundo foi diferente, os ferroviários foram altamente reprimidos pela polícia e tiveram que voltar ao trabalho sem vitória, mas em outubro ainda de

---

<sup>3</sup> Idem a nota 2.



17 o movimento grevista retorna e de forma bem mais violenta, denunciando “os patrões estrangeiros” da VFRGS que não garante serviço de qualidade. O governo do estado busca a concessão da Viação férrea junto ao governo federal, os grevistas delegam a intermediação da negociação a Borges de Medeiros (com governo federal e empresas). Em Santa Maria a repressão aumenta, em comício a polícia atira em manifestantes, o resultado é um morto e 29 feridos. No final de outubro a FORGS ameaça greve geral no estado e no dia 31 de outubro o governador consegue aumento salarial de 10 a 15 por cento, enfim boa parte das reivindicações dos ferroviários. Mas somente três anos mais tarde o controle da VFRGS vai para as mãos do governo estadual.

Os operários do Rio de Janeiro foram obrigados a voltar ao trabalho no final de 1917, pois devido a declaração de guerra a Alemanha o governo declara “Estado de sítio”, aproveitando-se disso para fechar jornais e sindicatos que eram contrários a guerra. Em dezembro sai um decreto que regulamenta trabalho infantil e feminino, e no ano seguinte é aprovada a lei sobre acidentes de trabalho.

Assim termina esse ciclo de greves, e o próximo movimento que merece atenção é a insurreição anarquista de 1918.

### **A Insurreição Anarquista de 1918 e as Greves de 1919**

Em 1918 o movimento operário estava bem organizado, com um bom nível de consciência e bastante influenciado pela Revolução Russa, apesar de todas as repressões, haviam grupos comunistas e maximalistas (influências bolcheviques). Em 1º de maio uma reunião com cerca de 3 mil trabalhadores aprova uma moção apoiando a revolução e de repúdio a guerra imperialista. Em agosto desse ano temos a greve da Companhia Cantareira Viação Fluminense, com a adesão de outras categorias logo em seguida, inclusive a adesão de alguns integrantes das tropas repressoras o que acarreta em choques violentos. Após o fim da primeira guerra mundial ocorre no Rio a eclosão de uma insurreição anarquista com uma nova onda de lutas operárias.

Em novembro no Rio há uma greve política geral, suas reivindicações são o direito de formarem sindicatos e aumento de salários. É formado um Comitê revolucionário que pretende luta armada. O sinal para o início da rebelião seria uma reunião geral numa das praças da capital, mas o plano foi descoberto e dissolvido pela polícia.



Sobre a insurreição Carrion coloca que os acontecimentos de novembro de 1918 demonstraram com toda evidência que se havia acumulado, nas fileiras do movimento operário, uma grande energia revolucionária e que espontaneamente os operários eram atraídos a métodos mais revolucionários de ação e que o antagonismo entre o capital e o trabalho havia crescido de maneira excepcional. A questão estava apenas em organizar e dirigir corretamente essa luta. Os sindicalistas mostraram sua incapacidade para continuar desempenhando o papel dirigente. O proletariado brasileiro viu-se diante da necessidade de elaborar uma nova orientação e criar um partido político de tipo bolchevique.

O ano de 1919 também é bem marcado por greves, em maio operários da construção civil de São Paulo conseguem jornada diária de 8 horas, e algumas conquistas em outros setores. Eclodem greves no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia.

No Rio Grande do Sul temos a greve do Frigorífico Armour em Santana do Livramento (primeira greve contra o estado imperialista no Rio Grande do Sul), e quem está a frente desta luta é a Liga Comunista de Livramento, pediam aumento de salários, pagamento em dobro das horas extras e jornada de 8 horas.

Em Porto Alegre em julho desse ano é deflagrada a maior greve que uma categoria já fez nesse estado, os metalúrgicos só voltam ao trabalho mais de um mês depois com suas reivindicações atendidas. Porém ao longo de agosto a greve acaba adquirindo um caráter geral, sobre isso César de Queirós coloca que na capital um movimento grevista, que foi declarado em uma marcenaria, logo depois foi se estendendo até se tornar generalizado entre o operariado, paralisando todas as fábricas, vários estabelecimentos comerciais e empresas, iluminação pública, trânsito de veículos e distribuição domiciliar de alguns gêneros alimentícios.<sup>4</sup>

O que essa greve teve de diferente foi que teve um caráter de greve generalizada sem uma direção central, temos outros pontos interessantes como, as reivindicações estavam diretamente voltadas para a classe patronal, os panfletos distribuídos possuíam um discurso mais radical.

O término da greve se deveu a alguns fatores, como o apoio da força repressora pública aos proprietários, a intransigência da classe patronal em aceitar as negociações, e a própria postura dos grevistas, que através dos veículos formadores de opinião, acabou

---

<sup>4</sup> QUEIRÓS, César de. *A greve de 1919 em Porto Alegre. IV Jornada de mundos do trabalho - RS. A pesquisa do trabalho-1917, noventa anos da Revolução russa e das greves no Brasil.*



tornando antipática a causa do movimento (à opinião pública), pois elogiaram a posição do governo e patronato.

### **O Partido Comunista do Brasil de 1919**

Em 1919 foi criado, no Rio de Janeiro, o Partido Comunista do Brasil pela Aliança anarquista. Incentivaram a criação de núcleos em outros estados. Era um partido de tendências libertárias e estava aberto a anarquistas, socialistas e a quem aceitava o comunismo social. Foi criado sobre o impacto da Revolução Russa e o contexto de lutas das diversas organizações operárias também favoreceu, porque desde a insurreição de 1918 já se via a necessidade de um partido. E há a possibilidade de que o contato com camaradas de fora devido as prisões de 1918 tenha influenciado bastante.

Criaram-se núcleos em outros estados e foram realizados congressos no Rio. O partido tinha um programa que falava da reforma agrária, da divisão da produção, regulamentação das horas de trabalho e sua obrigatoriedade para todas as pessoas, liberdade de pensamento e livre acesso à educação. Havia ainda uma base de oito pontos que tratava da filiação e da forma da organização dos núcleos.

Em outubro desse ano, os militantes de São Paulo planejam uma nova insurreição, cujo objetivo é estabelecer no Brasil uma república de influência soviética. Frederico Bartz faz um estudo sobre esse PCB e esses movimentos 1919 baseado na memória de alguns militantes. Coloca que conforme Everardo Diaz, uma das lideranças do movimento operário em São Paulo, este levantamento deveria iniciar concomitantemente no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais. A tentativa teria fracassado pela precipitação de uma categoria com a Greve Geral que deflagraria o movimento. A repressão foi muito violenta na capital paulista. Em fins de 1919, a repressão aumenta em todo o país, desarticulando muitas mobilizações. Com essa forte repressão as possibilidades de ação diminuem e as divergências entre as diferentes tendências que compunham o partido vão aumentando e ele vai se desarticulando ao longo de 1920.

Esse partido foi tratado como um simples engano pela historiografia por não trazer nenhuma forma nova e não acrescentar nada ao movimento operário brasileiro, foi considerado apenas um esboço defeituoso de uma obra mais completa que seria o PCB de



1922. Mas nesse estudo de Frederico Bartz<sup>5</sup> esse autor procura fazer uma aproximação mais real com essa organização, tendo como fonte a memória de alguns militantes, um pouco da historiografia (que é bastante restrita) e alguns documentos, por acreditar que a partir da sua trajetória podemos levantar perguntas bastante pertinentes sobre os projetos que circulavam entre os militantes naquele momento. O que talvez seja necessário neste caso é tirar do horizonte o PCB formado em 1922, que não pode servir de modelo para este. O mais correto seria analisar a formação deste partido nos termos que os próprios atores históricos se referiam a ele, só assim ele não aparecerá como desvio, tendo importância como veículo de projetos e esperanças que, para aqueles que o formaram, eram possíveis. Talvez essa seja realmente a forma mais correta de considerar esse PCB, como resultado daquele contexto e das expectativas de seus militantes.

## **O PCB de 1922**

O anarquismo apresentou vários problemas como se pode perceber nessa retomada da história do movimento operário brasileiro, suas principais limitações eram que suas reivindicações eram apenas econômicas, negava a luta política e a importância de se organizar em partido, não exigia do Estado uma legislação trabalhista e não aceitavam alianças com setores subalternos da sociedade. O Partido Comunista Brasileiro de 1922 surgiu de uma cisão do movimento operário (que estava sobre hegemonia anarquista).

Houve um abalo na unidade sindical com essa cisão do anarquismo e formação do Partido Comunista. Astrogildo Pereira abandonara o anarquismo era agora adepto do bolchevismo. Mas vai ser só a partir de 1924 que o PCB realizará uma análise marxista da sociedade. Algumas lideranças do PCB tiveram no início influências positivistas ou semi-positivistas, isso se explica porque esta é a expressão político-ideológica presente no início da república, estava presente até mesmo no trabalhismo e no comunismo. E ainda viabiliza a criação de um partido comunista operário. Zaidan Filho coloca que o positivismo irá colocar para o PCB o problema da superação do rescaldo ideológico pequeno burguês. Mas esse será um lento processo de aprendizado que começa com o fortalecimento das bases comunistas nos sindicatos rurais e urbanos até sua depuração ideológica.

---

<sup>5</sup> BARTZ, Frederico Duarte. *Partido Comunista do Brasil(1919): lutas, divergências e esquecimento*. Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.





Quanto à relação do PCB com a III Internacional comunista, o partido não foi criado por ela, não teve o “dedo de Moscou”, na verdade só passou a ser aceito pela *Komintern*, como membro em 1924. Esse PC buscou seu reconhecimento no IV Congresso da IC, sendo tornado membro, como já citei, dois anos mais tarde. O próprio “bureau latino americano” da IC foi formado apenas em 8 de julho de 1924, antes disso os problemas eram resolvidos pelo Comitê executivo da *Komintern*, ou mais especificamente pelo PC argentino que foi um tipo de intermediário entre os PCs latinos. É através do secretário geral desse PC que os comunistas brasileiros são reconhecidos pela Internacional. Conforme Zaidan Filho<sup>6</sup>, a tese de que o Partido Comunista Brasileiro teve seus primeiros passos estritamente dirigidos pelas resoluções da IC é dessa forma ilusória. E, ao contrário do que se costuma pensar, as táticas da *Komintern*, no que trata da questão sindical e da Revolução mundial, é que foram adaptadas, bem ou mal as condições (objetivas e subjetivas) sociais brasileiras. Assim sendo seria um equívoco analisar a política de “frente única” brasileira, sem analisar as relações específicas entre anarco-sindicalistas, comunistas e reformistas brasileiros.

E as razões para a forma como se deu as táticas do PCB face as revoltas tenentistas, deve ser buscada mais na complexidade social brasileira, sua estrutura de classes, na formação ideológica das lideranças, nas mobilizações nacional-populares encabeçadas pela pequena burguesia, do que analisando o que Lênin e Stálin diziam sobre o envolvimento dos comunistas em movimentos de libertação nacional. A relação de sujeição do PCB para com a IC se deve basicamente a carência política e teórica dos comunistas brasileiros, o que permitiria uma intervenção burocrática e mecânica da *Komintern* na vida do partido. Porém, mesmo depois de criado o comitê latino americano, a assessoria ideológica, política e organizacional da IC aos PCs daqui deixará a desejar.

Outra singularidade do Partido Comunista Brasileiro é uma dualidade de estratégias vigentes em seu interior, uma é a ofensiva a curto termo, que defende o afastamento dos comunistas de qualquer contato com centristas e reformistas formando núcleos próprios nas velhas organizações sindicais da classe operária, a outra seria a defensiva que em face do refluxo do movimento operário defendia uma “frente única” operárias e socialistas juntando comunistas, socialistas, sindicalistas, etc). A necessidade da unificação sindical é reafirmada várias vezes, mas sempre aflora uma contradição, de uma lado é necessário defender essa unidade do movimento sindical, mas de outro é preciso delimitar os campos com clareza.

<sup>6</sup> FILHO, Michel Zaidan. *PCB (1922 – 1929) Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985.



A política sindical comunista acabará pendendo para o divisionismo, e uma boa explicação para isso seria o sectarismo dos anarco-sindicalistas, que diante da influência comunista dentro das organizações, decidiram formar suas associações com declarações libertárias. Claro, também se deve considerar a hipótese de que, o PCB dentro dessas políticas de “frente única” pretendia a hegemonia sobre seus aliados.

E, um último ponto, o envolvimento do PCB nas revoltas tenentistas. As táticas do PCB nessa questão não podem ser atribuídas a nenhuma sujeição do partido à IC. Esse partido sempre foi bastante nacional, se pode certamente cobrar dele uma análise objetiva da estrutura de classes na sociedade brasileira, e as relações que mantinham em vista da classe operária. Mas seria injusto não reconhecer que suas estratégias, em relação às revoltas da pequena burguesia, irão refletir as características da formação da sociedade brasileira. Algumas das características são, o caráter antidemocrático da burguesia republicana, a via reacionária que o capitalismo seguiu no Brasil e seus efeitos na transformação dos meios de produção na agricultura brasileira, e na fragilidade das alianças da classe dominante que ainda não era capaz de abrir espaço para uma participação sócio-econômica da pequena burguesia.

Diante dessas revoltas, a primeira reação do PCB foi manter a neutralidade. Mas num segundo momento, quanto foi convocado pelos “tenentes” para auxiliar na agitação das ruas (mesmo ainda frágil e sem muita clareza em relação à natureza do movimento e ainda temendo atrelar sua prática às ações dos “tenentes”, dentro de tal insurreição) os comunistas consideraram pior ficar à margem da revolta, sem tentar extrair alguma vantagem para a classe operária. E esse movimento tinha raízes populares bastante profundas que até mesmo os anarco-sindicalistas lhe concederam apoio. Assim sendo, um partido considerado operário por excelência, não poderia ficar de fora de um movimento essencialmente popular. Já se havia pensado em fazer alianças com a pequena burguesia apenas em algumas condições, mas o reduzido número de comunistas e a desorganização do proletariado naquele momento dificultaria a efetivação de tais condições quando o movimento fosse deflagrado. E sem o conhecimento a respeito da natureza da crítica da pequena burguesia ao regime republicano não permitiu que libertassem a prática política da classe operária no seio da insurreição. Juntamente com os comunistas também cometeram um equívoco outras progressistas da sociedade na época. E o PCB acabou por refletir, por ser um partido profundamente nacional, os avanços e recuos da sociedade brasileira da época e o que ela apresentou de mais progressista.



## Considerações Finais

Procurei ao longo do trabalho analisar algumas questões sobre a história do movimento operário brasileiro, desde o final do século XIX, principalmente as que pudessem esclarecer o que levou à formação do Partido Comunista Brasileiro de 1922.

Analisando desde as primeiras greves, se pode ver a evolução na organização do movimento operário, o fortalecimento de sua unidade (em alguns momentos), e posteriormente suas limitações e cisões por divergências ideológicas dos grupos. E suas tentativas por vezes acertadas, outras equivocadas de avançar na luta.

Como Marx colocou, a classe só é classe para si quando organizada em partido político, e o contexto histórico das lutas operárias apontou para a necessidade da formação de um partido político, que no caso foi o PCB (sem muita formação marxista no seu início) que apresentou fragilidades, incorreu em erros, mas foi de grande importância pra esse momento da história operária, assim como em momentos posteriores. E certamente ainda há várias outras questões a serem debatidas em relação à formação desse partido.

## Referências

FILHO, Michel Zaidan. **PCB (1922 – 1929) na busca das origens de um marxismo nacional**. São Paulo: Global, 1985.

KONRAD, Diorge. **Centrais Sindicais Brasileiras: do acúmulo da experiência proletária à CTB**. [http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id\\_coluna\\_texto=1428&id\\_coluna=14](http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=1428&id_coluna=14)

BARTZ, Frederico Duarte. Partido Comunista do Brazil (1919): lutas, divergências e esquecimentos. <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/10936/7492>

QUEIRÓS, César de. **A greve de 1919 em Porto Alegre. IV Jornada de mundos do trabalho - RS.A pesquisa do trabalho-1917, noventa anos da Revolução russa e das greves no Brasil**.

BUONICORE, Augusto. Dissertação de mestrado UFRGS.  
Ver: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/10936/7492>

CARRION, Raul. *Dos primeiros partidos operários à formação do Partido Comunista do Brasil*. Historiador, mestre em ciência política pela Unicamp. [http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id\\_coluna\\_texto=241&id\\_coluna=10](http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=241&id_coluna=10)

Recebido em Setembro de 2011  
Aprovado em Outubro de 2011